

Das salas da universidade para as salas da escola pública: um ensaio sobre experiências leitoras

Von den Klassenzimmern der Universität zu den Klassenzimmern der öffentlichen Schule: ein Essay über die Leseerfahrungen

Jéssica Taiara Kottwitz

Universidade de Santa Cruz do Sul – Rio Grande do Sul – Brasil

Resumo: Este ensaio reflete sobre a experiência de ler no contexto da formação de crianças e pré-adolescentes. A partir da autoanálise do trabalho de dissertação de mestrado e a conexão com a prática da sala de aula da escola pública, entende-se a leitura como experiência de aprendizado e como percurso que ocorre durante toda a educação básica e ao longo da vida. Essa reflexão resulta na inquestionável importância de aprender a ler para garantir uma formação adequada e do trabalho coletivo dos profissionais da educação para assegurar esse direito. A mediação em leitura se torna, por isso, aliada de aprendizagens significativas e contribui para a formação de leitores.

Palavras-chave: Leitura. Experiência. Sala de Aula. Mediação em Leitura.

Zusammenfassung: Dieser Aufsatz reflektiert die Leseerfahrung im Kontext der Bildung von Kindern und Jugendlichen. Ausgehend von der Selbstanalyse der Dissertation und der Verknüpfung mit der Unterrichtspraxis der öffentlichen Schule wird das Lesen als Lernerfahrung und als Weg verstanden, der sich durch die gesamte Grundschulbildung zieht und im Laufe des Lebens vollzieht. Diese Reflexion führt zu der unbestreitbaren Bedeutung des Lesenlernens für eine angemessene Bildung und der kollektiven Arbeit der pädagogischen Fachkräfte, um dieses Recht zu gewährleisten. Die Lesevermittlung wird somit zu einem sinnvollen Lernbegleiter und trägt zur Lesebildung bei.

Stichwort: Das Lesen. Das Erleben. Das Klassenzimmer. Lesemediation.

1 Introdução

“toda a nossa vida é leitura.” (Bachelard, 1988, p. 24)

Aquele mês de janeiro começou diferente. Estava organizando os últimos detalhes da minha dissertação de mestrado para entregá-la à banca responsável pela avaliação do trabalho. Entre inúmeros questionamentos e indecisões, era preciso finalizar um ciclo de dois anos que compreendia o período da pós-graduação. Durante minha pesquisa, busquei estudar sobre a experiência de leitura e fui percebendo que ler é muito mais complexo do que imaginava ser. Foi nesse momento, também, que entendi que esse trabalho de pesquisa jamais deixaria de fazer parte da minha vida e que ecoaria com frequência durante minha prática em sala de aula.

No mês de fevereiro, após a defesa da dissertação, continuei refletindo sobre o assunto e, ao ingressar na rede pública de ensino, percebi o quanto estudar, pesquisar e conhecer sobre leitura é fundamental para o trabalho na educação básica.

2 Ler: experiência que começa cedo

Segunda-feira, turno da manhã, sala do 1º ano, bloco 8. A leitura começa cedo. Os estudantes se dirigiam à biblioteca para iniciar mais um dia de estudo e esse momento incluía a ida à biblioteca escolar, na qual eles me acompanhavam para retirar/trocar livros, ler e dizer. Assim, organizei a pesquisa da minha dissertação, na qual observei como acontecia a apropriação da leitura de palavras e a imersão no universo literário. Essa experiência de ler ocorre, como pude observar, muito antes de o estudante saber ler de forma autônoma, já que ele compreende a leitura como prática a ser compartilhada através da mediação e procura essa forma de se comunicar para dizer a sua narrativa e imitar a ação do adulto que lê, canta, poetiza, dramatiza e conta histórias. Em outras palavras, a criança faz a leitura do mundo e, a partir dela, acessa a leitura da palavra.

A leitura, nessa perspectiva, envolve a sensibilidade de observar a criança enquanto alguém

que já é leitora, pois já se encontra em contato com figuras, letras, números, mapas, lugares, códigos e demais elementos comunicativos do universo humano e, desde cedo, já está apontando e nomeando tudo o que faz parte da sua realidade. De acordo com Aguiar (1979, p. 11), “a aprendizagem da leitura [...] é uma atividade contínua e crescente que se estende por toda a vida. É importante, portanto, que se formem, desde cedo, no indivíduo, hábitos permanentes de leitura”.

Ao inserir-se em um 1º ano, os processos de alfabetização se intensificam e a preocupação com a leitura do código alfabético inevitavelmente chega. Por esse motivo, além do trabalho em sala de aula, é indispensável que esse longo percurso seja acompanhado por outras práticas, entre elas, a leitura compartilhada. Infelizmente, nem sempre ela acontece no ambiente familiar, mas a escola pode ser um espaço impulsionador de momentos que contribuam para a formação do letramento, inclusive do literário:

Com tudo isso, a criança estará recebendo, antes de mais nada, algo a que todo ser humano tem direito: sua parte num rico patrimônio cultural que a humanidade vem construindo há muitos séculos. Além disso, o contato com a literatura vai aos poucos abrindo seus horizontes e construindo bases sólidas para seu conhecimento. (Machado, 2012, p. 14).

Há inúmeras obras destinadas à literatura infantil e infantojuvenil que enriquecem o repertório das crianças, ampliando suas possibilidades de ver a leitura como espaço para a criatividade, a imaginação e a compreensão do mundo. Isso ocorre por meio da comparação com personagens, da identificação com espaços e com situações vivenciadas nas narrativas. Além disso, é possível abordar temas mais sensíveis com a leitura, permitindo a criação de valores e a percepção de emoções e sentimentos. Zilberman (1982, p. 16) já observou que “a conquista da habilidade de ler é o primeiro passo para a assimilação dos valores da sociedade”.

Portanto, volto a dizer que, ao lembrar de minha pesquisa e de minha dissertação, percebo o quanto a formação de um leitor começa cedo e o quanto é importante o professor valorizar as diferentes

leituras dos estudantes durante os anos de formação da educação básica, sempre considerando aquilo que a criança já sabe e pensar com Larrosa que “a experiência e o saber que dela deriva são o que nos permite apropriar-nos de nossa própria vida” (Bondía, 2002, p. 27).

3 Ler: experiência que se fortalece

Praticar e teorizar, teorizar e praticar... Quando iniciei meu trabalho com estudantes dos anos finais do ensino fundamental, pude constatar que a teoria está muito próxima da prática, já que grande parte dos questionamentos que eu tive durante a pós-graduação vieram me encontrar na sala de aula da escola pública. Como envolver as turmas em práticas de letramento quando muitos estudantes assumem não gostar de ler?

Muitas vezes, essa desmotivação é ocasionada por fatores como desinteresse nos estudos, notas baixas, dificuldades na leitura, família pouco participativa, falta de momentos reservados à leitura em sala de aula, ausência de obras de boa qualidade, organização da biblioteca, falta de um mediador que entenda os gostos e a realidade dos estudantes etc. Não podemos negar que problemas existem e que eles chegam ao professor, principalmente aos docentes de anos iniciais e de língua materna, como, geralmente, casos sem solução.

Como colocado por Jouve (2013, p. 61), “a confrontação do leitor consigo mesmo é [...] uma das dimensões maiores da leitura. A questão é saber como introduzi-la no ensino”. Assim, é necessário refletir sobre as práticas que surgem para suprir essas necessidades, pois “a leitura não é somente a ocasião de enriquecer o saber sobre o mundo; ela permite também aprofundar o saber sobre si” (Jouve, 2013, p. 62) e vislumbrar na literatura maneiras de perceber a realidade, “entender outras formas de encarar o mundo, mas também, concreta e afetivamente, [...] entender as pessoas que o encaram de modo diferente do nosso” (Machado, 2011, p. 19).

Uma das primeiras iniciativas que tive foi fazer o caminho inverso: cobrei de mim mesma a necessária e preciosa prática de apresentar leituras para os estudantes, ajudando-os nas escolhas de obras literárias. Entendi que eles precisavam perceber que eu também sou leitora e gosto de ler e que “a formação do leitor se dá a partir de outro leitor” (Cardoso, 2006, p. 169).

Após esse momento de “descoberta”, pude perceber que vários estudantes também tinham interesse na leitura, mesmo que esta ficasse, muitas vezes, em segundo plano em algumas ocasiões. Pude observar que nem sempre aquilo que eu indicava era acatado, mas sim aquilo que eles tinham capacidade de compreender e gostar naquele momento, fato que demonstra que “a compreensão é um processo altamente subjetivo, pois cada leitor traz à tarefa sua carga experiencial que determinará uma leitura diferente para o mesmo leitor, em momentos diversos” (Kleiman, 1996, p. 151). Havia, por isso, livros mais “cotados”, outros inusitados, tanto que podia me surpreender com as escolhas ao acompanhá-los à biblioteca.

A exposição dos livros é um fator que também influencia na escolha, pois, muitas vezes, a criança que está menos interessada pode escolher o primeiro livro que vê, sem pensar muito nesta escolha, diferente de um leitor mais metódico, que busca por coleções ou autores específicos até encontrá-los. A biblioteca, enquanto espaço educativo e que revela muito sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas pela escola, apresenta-se como aliada do professor que a percebe como espaço de valor e como formadora de hábitos de leitura.

Estar professora é saber que todos os dias desafio a mim mesma, buscando por soluções, ideias e possibilidades que possam funcionar. Não há uma receita específica, mas várias, aplicáveis ou não, dependendo do contexto em que estamos trabalhando, sem esquecer de que “aprende-se a ler, lendo” (Maria, 2002, p. 43).

Assim como a leitura aparece como desafio e, ao mesmo tempo, encantamento nos anos finais, também é importante colocar que, ao descobrir-se

leitor, o estudante passa a querer escrever... Nesse momento, somos (nós, professores) mediadores dessas palavras que o caderno, o quadro, o celular ou o computador recebem. Outros letramentos também começam a ser mais necessários, já que os estudantes se deparam com situações comunicativas diversas, incluindo o uso de redes sociais e aplicativos. Para Bartolomeu Campos Queirós,

ter a palavra é, antes de tudo, munir-se para fazer-se menos indecifrável. Ler é cuidar-se, rompendo com as grades do isolamento. Ler é evadir-se com o outro, sem contudo perder-se nas várias faces da palavra. Ler é encantar-se com as diferenças (Queirós, 1999, p. 24).

Constato, por isso, que precisamos ver o estudante na sua singularidade, compreender seus percursos e incentivar seus passos, não esquecendo de percebê-lo como ser humano. As crianças e adolescentes que convivem na escola diariamente necessitam de um olhar integral, que valorize, mais uma vez, aquilo que eles já sabem.

4 Ler: experiência para a vida toda

Com o crescente aumento da tecnologia entre os jovens, o celular virou (faz algum tempo) a nova “celebridade” da vez e tem gerado inúmeros debates entre profissionais da educação e familiares sobre como regular esse uso. Metodologicamente, podemos pensar o celular como um instrumento de leitura interativa que altera física e psicologicamente nossa forma de pensar o escrito: “a cada gênero de texto, em cada suporte, o leitor faz reconfigurações pertinentes à percepção que tem do que lê, do que porta, do que tem em mãos, do que vê” (Ribeiro, 2005, p. 126). Sem entrar na discussão se isso é positivo ou negativo na escola ou, mesmo, fora desse espaço, a leitura na era digital amplia a discussão sobre o tipo de leitor que acessa conteúdos por essa via e se essa leitura que ele faz é a mais indicada de acordo com seu objeto de leitura/estudo.

Conforme Aguiar (2004, p. 102), “se, com o computador, a linguagem entra em rede, no livro as modalidades virtuais fazem nascer novos modos

comunicativos, que documentam as experiências humanas no tempo e no espaço real”. Podemos pensar que essas modalidades abrem o leque de possibilidades para outras formas de perceber a leitura do mundo e, conseqüentemente, a leitura da palavra.

Para Zumthor, comunicar é buscar a transformação daquele a quem nos dirigimos: “a leitura é a apreensão de uma performance ausente-presente; uma tomada da linguagem falando-se” (2007, p. 56), tanto que, para o autor, “em poesia, ‘dizer é agir’”. O medievalista ainda afirma que

ler possui uma reiterabilidade própria, remetendo a um hábito de leitura, entendo não apenas a repetição de uma certa ação visual, mas o conjunto de disposições fisiológicas, psíquicas e exigências de ambiente (como uma boa cadeira, o silêncio...) ligadas de maneira original para cada um dentre nós, não a um ‘ler’ geral e abstrato, mas à leitura do jornal, de um romance ou de um poema. A posição de seu corpo no ato da leitura é determinada, em grande medida, pela pesquisa de uma capacidade máxima de percepção. (Zumthor, 2007, p. 32-33).

Por conseguinte, a leitura, ou melhor, a ação de ler, apresenta-se ao nosso jeito de olhar o mundo como um instrumento que atualiza constantemente nossa forma de pensar e de agir. A experiência da leitura não acaba, pelo contrário, ela renova-se a cada nova palavra que podemos encontrar ou reencontrar. Tudo depende do quanto de significado estaremos atribuindo ao que nos chega.

5 Considerações finais

Concluo esse ensaio que me fez pensar sobre a experiência de ler na escola como uma oportunidade para novas e inesgotáveis reflexões. Ao ensinar a ler, também estamos lendo outras possibilidades, outras formas de fazer e de repetir o já feito. Dessa maneira, a formação de leitores não só depende do trabalho docente, como também da oferta de espaços para que esse diálogo aconteça.

Ler, na perspectiva de Castrillón (2011), envolve melhorar os níveis de desenvolvimento, que, conseqüentemente, estão relacionados à alfabetização. Sendo assim, garantir o direito da leitura

é garantir que todos possam ter, também, o direito de sonhar [e realizar] as suas singulares existências.

A leitura, quando concebida como ferramenta indispensável à vida, transcende a perspectiva de habilidade técnica de decodificação para ser compreendida como prática social. Nesse aspecto, ganha forma a figura do leitor-criador, que, diante do texto que lê, amplia sua experiência e complementa as ideias do autor através de sua leitura.

A fim de compreender e auxiliar o leitor nessa trajetória, a mediação de leitura surge como suporte que explora as possibilidades de um texto e as impressões trazidas por seus leitores. Quando o leitor é sensibilizado pela obra, pode trazer para sua interpretação a bagagem de conhecimentos, vivências e emoções que sentiu. Essa conexão que a mediação proporciona, principalmente por meio do diálogo e da escuta atenta, é a chave para a formação de um leitor crítico, mas acima de tudo, sensível e atento.

Se, atualmente, estamos diante de dispositivos que tomam nossa atenção e que “bombardeiam” nosso dia de informações, idealizar um espaço no qual podemos nos sentir acolhidos e respeitados no ritmo de nosso corpo, não é mera coincidência. Espaços como salas de leitura, clubes do livro, bibliotecas e áreas reservadas à contemplação da vida não podem ser dispensados, principalmente quando estamos falando de escolas, que são espaços formativos.

Como bem afirmou Bachelard (1989, p. 31), “O espaço convida à ação, e antes da ação a imaginação trabalha”. Esse trabalho que precisa de equilíbrio entre mundo interior e exterior, renova-se na leitura da palavra e escreve uma história no tempo. Mediar a leitura em espaços que convidam à reflexão cria memórias e fortalece vínculos. O ritmo da vida pode ser alterado, favorecendo a atenção plena, escassa, infelizmente, em muitas situações. Nesse contexto, podem ser incluídos os clubes de leitura que ocorrem de maneira virtual. A mediação, nessa perspectiva, é enriquecida pela possibilidade de trocas entre pessoas localizadas em várias partes da cidade, do estado, do país, do mundo...

Tecer considerações sobre experiências leitoras é mergulhar nas incertezas que pairam nos olhares curiosos, nas perguntas inquietantes e nas conversas sinceras. Traduzir a experiência leitora em uma só é reduzir a riqueza de entrelinhas que se escrevem na medida em que vamos construindo juntos um fio narrativo que é condutor e formador dos acontecimentos. Mesmo interrompido, somos convidados a costurá-lo novamente e dar continuidade às tantas histórias que se entrelaçam nesse mar sem fim que é a nossa vida.

Da escola para a universidade e da universidade para a escola... Dessas trocas de saberes surgem ideias que marcam nossa existência e que transformam a vida daqueles que conosco convivem. Mediar leituras pode ser, inclusive, sobre a forma como contamos aquilo que nos afeta, nosso propósito e nossa experiência.

Na medida em que a escola fortalece os espaços de mediação, os leitores constroem um vínculo contínuo de encontros. Essa continuidade ou circularidade traz o texto lido para a atualidade, momento em que os leitores podem (re)fazer seus percursos literários e compor novas possibilidades imaginárias. O professor mediador também é modificado nesse trajeto, alterando rotas e propondo novos caminhos a partir das ressonâncias resultantes da interação do grupo de leitores.

Diante de tantas repercussões que a literatura pode suscitar, pode-se pensar que o leitor, além de criador de mundos, também é protagonista de sua transformação. O leitor que transforma é aquele que ativa aquilo que Bachelard (1989, p. 186) chamou de “aparelhos de sonhar: “ver e ouvir, ultraver e ultra-ouvir, ouvir-se ver!”. Para o mesmo autor (1989, p. 181), “A alma sonha e pensa, e depois imagina”, já que a imaginação é consequência da nossa disposição em escutar o mundo e deixar as repercussões e ressonâncias sugerirem a atualização do nosso ser.

O mediador de leitura, portanto, é a lente que ajuda a ver, entender o mundo e ler a si mesmo, é um autor de sonhos, responsável pelo ponto de vista que

expande os sentidos do leitor e ajuda-o a traduzir-se no mundo como agente de sua própria transformação.

Referências

- AGUIAR, Vera Teixeira de. *O verbal e o não verbal*. São Paulo: UNESP, 2004.
- AGUIAR, Vera Teixeira de. *Que livro indicar?: interesses do leitor jovem*. Porto Alegre: IEL, 1979.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*. [S.l.], n. 19, p. 20-28, abr., 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Acesso em: 1 abr. 2014.
- CARDOSO, Rosimeiri Darc. Livrarias e escolas: espaços de mediação. In: AGUIAR, Vera Teixeira de; MARTHA, Alice Áurea Penteado (Org.). *Territórios da leitura: da literatura aos leitores*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006. p. 165-183
- CASTRILLÓN, Silvia. *O direito de ler e de escrever*. 1. ed. São Paulo: Pulo do Gato, 2011.
- JOUE, Vicent. A leitura como retorno a si: sobre o interesse pedagógico das leituras subjetivas. In: ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard; REZENDE, Neide Luzia de. (Orgs.). *Leitura subjetiva e ensino de literatura*. Tradução de São Paulo: Alameda, 2013.
- KLEIMAN, Angela. *Leitura: ensino e pesquisa*. 2. ed. Campinas: Pontes, 1996.
- MACHADO, Ana Maria. *Silenciosa algazarra: reflexões sobre livros e práticas de leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- MACHADO, Ana Maria. *Uma rede de casas encantadas*. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2012.
- MARIA, Luzia de. *Leitura & colheita: livros, leitura e formação de leitores*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- RIBEIRO, Ana Elisa. Ler na tela – letramento e novos suportes de leitura e escrita. In: COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa (Org.). *Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. 244 p. (Linguagem & educação) p. 125-150
- QUEIRÓS, Bartolomeu Campos. O livro é passaporte, é bilhete de partida. In: PRADO, Jason; CONDINI, Paulo (Org.). *A formação do leitor: pontos de vista*. Rio de Janeiro: Argus, 1999. p. 23-24
- ZILBERMAN, Regina. A leitura na escola. In: ZILBERMAN, Regina (Org.). *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. 1. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982. p. 9-22
- ZUMTHOR, P. *Performance, recepção, leitura* [1990]. São Paulo: Cosac Naify, 2007.